

as môscas do rosto com um abano”, (págs. 475 — 2.º tomo — 9a. edição).

“Nos doces vagares dos dias de calor”. “Deitada na rêde, os cabelos soltos”... São frases que, tomadas isoladamente, extraídas da prosa parecem mais movimentos ondulantes de um poema. São orações acentuadamente líricas, que jogam o leitor em face de um mundo que a sua imaginação redescobre, passo a passo, por imagem, no impulso vívido das impressões fortes. Há um sentido de apropriação da poesia que não se pode dizer que o texto encerra (porque as palavras têm também um lado objetivo, uma propriedade absoluta) no espírito do leitor; leitor que destaca palavra por palavra e as utiliza numa “ideação”, numa percorrida intuitiva em busca da “menina sentada, à mourisca, na esteira de pipiri”. Cabelos soltos, nos doces vagares dos dias de calor...

A variedade léxica, num texto tão curto, é digna de nota. Vocábulo regionais do índio, do negro, ao lado de formas cultas ou elegantes do vernáculo: pipiri, cafuné, catando piolho, abano, sinhâzinhas, mucamas, sedutoras, vagares, à mourisca, etc., etc. No esforço da conjugação vocabular de tôdas as côres vai se harmonizar a própria mistura das raças, ainda aí estabelecendo-se nôvo vínculo e nova funcionalidade idiomática.

## ANTERO DE QUENTAL

RENATO CARNEIRO CAMPOS

Antero de Quental, em sua conferência *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*, apercebe-se do atrazo de Portugal em relação ao progresso científico europeu, a partir do século XVI. Sente-se, no que êle escreve, um esforço para ligar o seu país com os países mais desenvolvidos da Europa. As suas palavras apaixonadas foram escritas com o sentido de despertar as novas gerações, de chamar a atenção dos companheiros para velhas chagas não cicatrizadas, para obstáculos que permaneciam insuperáveis. Ao fazer uma análise quase cruel do passado português, era como organizasse um rol dos erros públicos e particulares de uma nação. Tinha alguma coisa de profeta, do profeta que antevê mas também do que condena os pecados antigos. Profeta a quem não faltava a marca de uma vida de sacrifício, de ascetismo, de martírio e agonia. “Era um gênio e era um santo”, na homenagem comovida de Eça de Queiroz.

Consideram os historiadores sociais o século XVII como uma das grandes épocas do pensamento humano, quando se fêz sentir um vigoroso progresso das ciências chamadas exatas. Foi o século de Leibnitz, Pascal e Descartes, impregnado da grande sombra de Bacon. Século em que Halley prevê o aparecimento do seu cometa. As bruxarias e o milagroso se afastam para dar lugar à previsão científica. Athanasius Kircher intenta uma teoria microbiana das doenças, ao examinar, através do microscópio, o sangue das vítimas da peste. O Protestantismo, sobretudo o Calvinismo, em diversos países da Europa, criava uma necessidade de espírito científico. A autoridade moral se deslocava da esfera da Igreja, pois o privilégio do saber já fugia dos claustros para os laboratórios. O monge calabrês Campanella, naquele tempo, já acreditava que os autômatos viriam a substituir o trabalho humano. Mas infelizmente — se é que

pudemos empregar o termo em relação à História —, em Portugal, no tempo do Pe. Antônio Vieira e D. Francisco Manuel de Mello, o choque entre ciência e reação não aparentava ser coisa ligeira. A liberdade era machucada e esfarrapada, usada plenamente para os vícios e erros de alguns privilegiados, como ainda acontece hoje nos países mais infelizes, sob o jugo de dirigentes medíocres, mergulhados mais no passado do que no presente, com almas mais de censores do que de estadistas, simples arrumadores de casas miseráveis. Pois bem, os governantes, por essa época, eram quase sempre mesquinhos, e se existiam homens de negócios, políticos lidos e corridos nos clássicos, bispos conhecedores de poetas gregos, todos pareciam estar de olhos fechados e ouvidos moucos para o chamado da ciência, do que poderia ser considerado bruxaria e escândalo. O conhecimento científico não recomendava ninguém, mas a crença religiosa era obrigatória. Enérgumenos inquisitoriais não pouparam nem a grande figura do Padre Antônio Vieira. D. Francisco Manuel de Mello penou no exílio durante algum tempo. Tradicionalismo se misturava com estupidez, superstição com religião. Os jesuítas se esforçavam para empolgar o poder terreno, multiplicando os pecados capitais, olhando-os como se estivessem de binóculos em seus confessionários, aumentando e exagerando as quedas humanas. Atemorizar para dominar. Atingiu-se o apogeu do fanatismo religioso, apenas superado na vizinha Espanha, e se fortaleceu ainda a lealdade feudal. Oliveira Martins resume em poucas palavras as causas da decadência: o Individualismo, o Jesuitismo e as Conquistas.

Antero de Quental ao lançar o seu lúcido e patriótico olhar para o passado português, abarcou a sua triste realidade durante os períodos que marcaram a decadência, após a fase admirável da epopéia marítima, do espírito científico disseminado pelo exemplo do Infante D. Henrique. O Romantismo, por sua vez, trazido no bôjo da Revolução liberal de 1820, no dizer de Jacinto Prado Coelho, encontrava “um pequeno país decaído, humilhado, saudosos da grandeza perdida”. Apesar das figuras de Garrett, Herculano e Camilo Castelo Branco — bem superiores aos árcades que então dominavam o ambiente literário, velhos sanguessugas do classissismo —, houve nesse

movimento, digno de elogios em algumas de suas passagens, um saldo de adocicado sentimentalismo, pudor de abordagem de problemas contemporâneos, transformando-se em ultraromantismo, até encontrar um chefe mumificado na pessoa de Feliciano de Castilho, o iniciador da polêmica que acendeu a famosa *Questão Coimbrã*.

Dizer *Questão Coimbrã* equivale dizer palavras chaves para a compreensão do Portugal moderno e contemporâneo, pois as idéias esboçadas por jovens acadêmicos de Coimbra, num debate com já velhos e emperdenidos românticos, espicharam-se e transbordaram, saindo do terreno puramente artístico para o domínio da filosofia, da política, da história, da economia. A *Questão Coimbrã* tem as suas raízes nos movimentos estudantis de uma geração que começava a despertar, guardando ainda bem viva na memória a narração dos feitos heróicos de 89, para uma fase da humanidade carregada de utopias revolucionárias. O fracasso do industrialismo, no século XIX, fracasso no sentido de não apresentar boas condições de vida para o operário, incapaz de cumprir as grandes promessas, proporciona o aparecimento de uma filosofia do proletariado, da criação da *Internacional Operária*, englobando tendências, idéias que, às vezes, sendo parecidas nas intenções, estavam em oposição nas suas aplicações, como no caso das idéias de Proudhon e Marx.

A mocidade que estudava em Coimbra, por volta de 1863, antes mesmo da deflagração da *Questão Coimbrã*, estava impregnada do sentimento de liberdade. Um sentimento de liberdade alimentado pela França, por seus escritores, pensadores e políticos. A figura trágica de Victor Hugo no exílio tinha alturas, para os jovens daquela época, de um verdadeiro deus. As lutas nacionalistas da Itália, Alemanha e Polônia legaram um alento de heroísmo, ao ponto de alguns estudantes enviarem desafios ao Czar das Rússias, solidários com o sofrido povo polonês. Eles se sentiam um tanto conspiradores e verdadeiramente revolucionários, trazendo para as doces margens do Mondego, na airosa e romântica Coimbra, em proporções menores, as inquietações de liberdade de outros povos, de outros países.

A Universidade foi o palco menor da representação da liberdade. Os estudantes de Coimbra, sob o pulso de ferro do Reitor Basílio Alberto de Souza Pinto, procuravam reagir con-

tra o ambiente de mumificação em que viviam. Dessa geração e dessa Universidade fala-nos Eça de Queiroz, em seu célebre ensaio sobre Antero de Quental: “Em tórno dela, negra e dura como uma muralha, pesando, dando sobre as almas, estava a Universidade. Por tóda essa Coimbra de tão lavados e doces ares, do Salgueiral até Chelas, se erguia ela, com as suas formas diferentes de comprimir, escurecer as almas: — o seu autoritarismo anulando tóda a liberdade e resistência moral; o seu favoritismo, deprimindo, acostumando o homem a temer, a disfarçar, a vergar a espinha; o seu literatismo, representado na horrenda “sebenta”, na exigência do “*ipsis verbis*”, para quem tóda a criação intelectual é daninha; o seu foro, tão anacrônico como as velhas alabardas dos verdeais que o mantinham; a sua negra torre, donde partiam, ressuscitando o “*preetto*” da Roma jesuítica do século XVIII, as badaladas da “cabra” por entre o vôo dos morcegos; a sua “chamada”, espalhando nos espíritos o terror disciplinar de quartel; os seus lentes crassos e crúzios, os seus Britos e os seus Neivas, o praxismo poeirento dos seus Pais Novos, e a rija penedia dos seus Penedos! A Universidade, que em tódas as nações é para o estudante uma *Alma Mater*, a mãe criadora, por quem sempre se conserva através da vida um amor filial, era para nós uma madrasta amarga, carrancuda, rabugenta, de quem todo espírito digno se desejava libertar rapidamente, desde que lhe tivesse arrancado pela astúcia, pela empenhoca, pela sujeição à “sebenta”, êsse *gráu* que o Estado, seu cúmplice, tornava a chave das carreiras. Verdadeira *chave dos campos*, no dizer francês, abrindo para independência, para a vida, e para beleza das coisas naturais. No meio de tal Universidade, geração como a nossa só podia ter uma atitude — a de permanente rebelião. Com efeito, em quatro anos, fizemos, se bem me recordo, três revoluções, com todos os seus lances clássicos, manifestos ao país, pedradas e vozearias, uma pistola ferrugenta debaixo de cada capa, e as imagens dos reitores queimadas entre danças selváticas. A Universidade era, com efeito, uma grande escola de revolução: — e pela experiência de sua tirania aprendíamos a detestar todos os tiranos, a irmanar com todos os escravos. O nosso entusiasmo pela Polônia nascia de nos sentirmos oprimidos como ela por Czar de borla e capelo, que se chamava Basílio. Aquêles de nós que hoje leiam uma

História da Vida e da Sociedade em Roma, nos fins do século XVIII, quando tóda cultura livre era vedada, e a banalidade tinha a estima do govêrno por ser uma condição da docilidade, e os melhores bens se obtinham pela intriga e o favoritismo, e se educava o homem para a baixeza, e a independência se arrancava como erva venenosa, e a polícia intervinha até na maneira de atar a gravata, e não se permitia aos cidadãos andar fora de casa depois das *ave-marias* — julga ver a escura imagem da vida universitária há trinta anos, quando se impunha ao estudante, com a batina de padre, a regra canônica do Gesu. E era por nos sentirmos envolvidos numa opressão teocrática, que, além de pendermos para o jacobinismo, tendíamos, por puro acinte de rebeldia para o ateísmo. De sorte que a Universidade, ultraconservadora e ultracatólica, era não só uma escola de revolução política, mas uma escola de impiedade moral”.

Aí está na pena nervosa e irônica de Eça de Queiroz o que era a Universidade de Coimbra daqueles tempos. Tão expressivo retrato justifica a extensa citação. Os estudantes procuravam cemitérios para o diálogo com a morte, invocavam divindades em noites tempestuosas, dissolviam procissões, depredavam monumentos. Por essa época, segundo os historiadores literários, foi fundada a *Sociedade do Raio*, tendo como objetivo principal a deposição do Reitor Basílio, que encarnava, para os estudantes, a expressão da tirania mundial. Possuía os seus ares românticos, com dirigentes encapuzados e compromissos celebrados nas horas êrmas da noite. Antero foi escolhido, por seus colegas, para fazer a saudação ao Príncipe Humberto da Itália, que estava em visita à velha Universidade, seguido de ilustre comitiva. O discurso que Antero deveria pronunciar seria uma das importantes etapas do plano para deposição do Reitor. O líder estudantil, de aparência nórdica, descendente com certeza de velhas raças que invadiram a Península Ibérica, proferiu, então, um discurso que deixou constrangido o Príncipe italiano e estarecidos os graves e casmurros mestres. Insinuou que o sr. Basílio Alberto era um fantasma do passado, falou em mocidade liberal, em popularidade de rei, em Garibaldi, numa Europa popular.

Essa geração que cultuava a França sentia uma espécie de indiferença pela História Nacional. Explica-se: vivia absorvida

pelos acontecimentos de outros países. Aliás, diga-se de passagem, que o espírito patriótico se enfraquecia por imposição do aparecimento da questão social, em consequência da rápida industrialização dos países ocidentais. Muitos eram os que pensavam em soluções internacionais. Estava presente nos espíritos o liberalismo da Revolução Francêsa, um exemplo sempre lembrado no combate às tiranias. Escrevia Antero: "... quem pensa e sabe hoje na Europa, não é Portugal, não é Lisboa, cuida eu: é Paris, é Londres, é Berlim". Mas, a verdade é que Berlim e Londres chegavam à Lisboa via Paris. O caminho de ferro cortando a Península, o telégrafo, o desenvolvimento da navegação a vapor, enchiam Portugal de idéias novas vindas de outros países. Reconhecem os estudiosos, historiadores, sociólogos, psicólogos sociais, que o século XIX significou o despertar, para o homem comum, do sentimento de sua própria personalidade, de um maior respeito por sua condição de homem. E o respeito por si mesmo, vindo do espírito revolucionário, fazia-o combater os velhos costumes nacionais e os grandes privilégios, derrubar a barreira entre as classes, dando ao mais pobre dos jovens a esperança de obter, dentro da sociedade, um lugar digno, de acôrdo com a sua capacidade.

A *Questão Coimbrã* surge, em Portugal, depois da prolongada crise da implantação do liberalismo. Garrett já estava morto. Desaparecia um grande escritor, inovador e renovador, ligado, porém, à tradição português, conhecedor do seu povo, e que sem desprezar os valores dos outros povos da Europa, sentia-se português até à raiz dos cabelos. Herculano, glorioso e reverenciado, estava recolhido em Val-de-Lobos. O espírito criador dos românticos, a rebeldia, dava lugar a uma literatura semi-oficializada, exageradamente ultra-romântica, comandada por Feliciano de Castilho, mestre do vernáculo, excelente tradutor, mas desprovido de intuição criadora, podendo ser considerado menos um romântico do que um pseudo-clássico, um "arcade póstumo", ligado ainda às lições dos mestres que influenciaram a sua formação de escritor. Ele e seus adeptos procuravam ligar as formas extremas do romantismo ao gosto antigo, à rigidez dos temas clássicos. A *Questão Coimbrã*, então, foi o choque entre o novo espírito que dominava a Europa, robustecido pelas idéias científicas, e o sentimentalismo mofado, con-

finado, sob a ditadura do vernáculo. O comêço dessa polêmica é já bem sabido. No ano de 1865, Pinheiro Chagas, discípulo amado do cego patriarca literário, publica o seu *Poema da Mocidade*, uma inocente biografia lírica em quatro cantos, repleta de baboseiras ultra-românticas, acompanhada de um posfácio do seu mestre, no qual, entre as palavras de incenso ao discípulo, êle ironizava os jovens poetas Antero de Quental e Teófilo Braga. Antero replicou de maneira violenta e sarcástica com o opúsculo: *Bom-Senso e Bom-Gôsto*, as virtudes, aliás, que lhe eram negadas pelo guardião do purismo da língua português. Mais tarde, volta à carga com: *A Dignidade das Letras e as Literaturas Oficiais*. Teófilo Braga, por sua vez, escreve *Teocracias Literárias*, em 1866. Os ânimos se exaltaram. A polêmica pegou fogo. Ramalho Ortigão que, tempos depois, formaria ao lado dessa geração Coimbrã, em seu ensaio *Literatura de Hoje*, defende Castilho de alguns pesados ataques de Antero, sem deixar, todavia, de lembrar ao venerando escritor a sua fuga do debate no terreno das idéias. Essa defesa fez com que Antero e Ramalho saíssem da luta puramente literária para o campo da honra: bateram-se em duelo, resultando num braço ferido e abraços de reconciliação. Camilo Castelo Branco, também, comparece ao debate em favor de Castilho com: *Vaidades Irritadas e Irritantes*. O indócil polemista não poderia ficar fora do barulho. A essa altura, vale um esclarecimento: os estudantes usaram o posfácio de Castilho como um pretexto para uma batalha que fatalmente teria que ser travada. Não era uma luta apenas contra Castilho, seus discípulos e admiradores, pois possuía um espectro bem maior: ia de encontro aos conceitos políticos, históricos e filosóficos de uma época, encarnados no tradutor de Cervantes e seus satélites.

A chefia do movimento coube a duas personalidades bem diversas. Ambos já possuíam livros publicados. Apesar de terem permanecido juntos no mesmo grupo que, posteriormente, acrescido de outras figuras, em 1871, organizou as chamadas *Confederações do Casino*, criticando os aspectos desfavoráveis da vida nacional português, as formas alienadas de adaptação liberal às velhas estruturas políticas e administrativas, com o desejo de colocar Portugal de acôrdo com a atualidade européia, estudando a fundo as condições que motivaram as transformações

sociais, eram personalidades bem diferentes. Teófilo Braga era desprovido de senso poético e de grandes dotes de escritor. Próximo de Antero êle estava apenas pelo amor à terra portuguesa, pelo culto da ciência e da filosofia, pela crença na libertação social e mental do homem pela educação, mas se afastava pelo espírito de subordinação a sistemas de pensamento que não lhe pertenciam. Filiou-se ao positivismo de Comte por inteiro, de olhos fechados, numa aceitação total. Procurava para os seus estudos os elementos tradicionais, colhia a poesia e os contos de tradição oral, estudava as velhas instituições portuguesas. Foi um erudito e não um espírito criador. Tinha muitas leituras, grande capacidade de trabalho, pouco espírito e nenhuma alma. Vivia com os olhos na terra enquanto Antero procurava nos céus as explicações para as suas angústias e para o destino do Homem:

“Só Deus pode acudir em tanto dano:  
Esperemos as leis d’uma outra vida,  
Seja a terra degrêdo, o céu destino”.

Figura trágica essa de Antero de Quental. Um poeta que sendo se fazer de filósofo; um místico forçando para ser materialista; um aristocrata se fazendo de operário; um cristão por formação pretendendo trocar o céu católico pelo Nirvana oriental e budista. O “Príncipe da Mocidade”, o adepto de Proudhon, o admirador das idéias de Marx, o conhecedor profundo do pensamento hegeliano, o aplastrado pelo pessimismo de Schopenhauer, o desiludido que desejava mergulhar no Não-ser nirvanesco, o português que pretendia traçar um programa cultural para seu país, o fundador, em Lisboa, juntamente com o seu companheiro José Fontana, da secção portuguesa da Internacional Socialista, o candidato a deputado pelas hostes socialistas, o crítico literário agudo e culto, o grande poeta, dos maiores da língua portuguesa, entre crises de animação e abatimento, deixou-se vencer por uma doença da vontade, que o fez, num último ato de desespero, aniquilar-se para sempre no mundo mágico da infância, na ilha de S. Miguel. O amigo fala do seu fim: “Foi para S. Miguel, para o seu mundo mais doce, mais fácil... Depois, uma tarde, como aquêle filósofo Demonax,

de quem fala Luciano, “concluindo que a vida não lhe convinha, saiu dela voluntariamente, e por isso deixou que pensar e murmurar aos homens de toda Grécia”. O que dele pensam os homens de nossa Grécia, não o sei — pois que de há muito na nossa Grécia, uma apagada tristeza traz os homens desatentos e mudos. É morta, é morta a abelha que fazia o mel e a cera! Quem se nutre ainda do gostoso mel? Quem se alumia com a pura cêra? Por mim penso, e com gratidão, que em Antero de Quental, me foi dado conhecer, neste mundo de pecado e de escuridade, alguém, filho querido de Deus, que muito padeceu porque muito pensou, que muito amou porque muito compreendeu, e que, simples entre os simples, pondo a sua vasta alma em curtos versos — era um gênio e era um santo”.

Foi êle quem entre tantas palavras suspirosas dos poetas ultra-românticos, contaminados pelo chamado “mal du siècle”, representante de uma geração concebida entre guerras civis, ao lado de companheiros que investiam contra as instituições monárquicas, escritores oficiais, parlamentos, costumes, tradições, mas sem apresentarem soluções nem saídas, farpeando a torto e a direito, chibateando com palavras, rasgando reputações nas colunas dos jornais, pretendeu ser filósofo, pensar, construir em meio ao caos decadentista de um Portugal que se preparava para abandonar a monarquia, humilhado pelo *Ultimatum* inglês, abandonando as velhas idéias românticas para ingressar no realismo literário, ser envolvido pelas gargalhadas provocadas pelas farpas de Ramalho e de Eça e pelo riso ácido de Fialho de Almeida, com as unhas afiadas dos seus *Gatos*.

Antero era uma sensibilidade e quiz ser uma razão. Era um sentimento e pretendia ser um sistema. Era um proprietário que ainda guardava a sua “consciência de proprietário” e pretendia ser um operário. Era um místico e pretendia ser um materialista. Era um cristão e pretendia ser um budista. Queria ser um trabalhador manual e terminou por viver de rendas de suas propriedades. Queria ser um homem universal, cidadão do mundo, mas não conseguia desvencilhar-se dos velhos fantasmas portugueses, do orgulho das conquistas dos mares, da pena de D. Sebastião perdido para sempre nas areias da África, da mágoa da morte de D. Inês, às margens do Mondego, do arrôjo de Pedro IV em sua luta pela liberdade, dum pedaço de

alma árabe entranhado em canções, lendas e costumes portugueses. A aparência era atlética, o soco triunfal, a coragem nunca negada, mas, no íntimo, se deixava consumir pela doença diagnosticada, em Paris, pelo grande Charcot. Vivia sonhando em dominar a arte e possuir a ciência. Cultivava por demais o espírito e se esquecia da alma e do sangue. Não sei porque ao falar desse dramático poeta português, recordo o nosso Augusto dos Anjos. Um latino, um homem dos trópicos, católico por tradição, envolvido com teoria dos evolucionistas, pensadores alemães e Nirvana.

O poeta paraibano igualmente a Antero, que pretendeu, em soneto célebre, repousar o coração atormentado à mão de Deus, também gritou a sua liberdade de tantas idéias que o separavam do Cristo:

“Não! Jesus não morreu! Vive na serra  
Da Borborema, no ar de minha terra,  
Na molécula e no átomo... Resume  
A espiritualidade da matéria  
É êle que embala o corpo da miséria  
E faz da cloaca uma urna de perfume”.

A verdade é que Antero não foi totalmente dominado pelo que êle chamava da “náusea da realidade”. Não foi um inerte contemplativo nem um dominado inteiramente pelas inquietações do espírito. Procurou sempre reagir contra as suas crises de desolação. Esforçou-se para participar da vida portuguesa em sentido amplo, não apenas como escritor mas como político militante. Mesmo as suas crises foram inteiramente fecundas, pois delas é que saíam os seus versos. Reabilitador da velha forma poética do soneto, disciplinava a sua inspiração em dois quartetos e dois tercetos, contrariando o impulso dos jovens poetas do seu tempo, preferidores dos largos alexandrinos a Victor Hugo. Pretendia comunicar idéias e não apenas extravasar emoções estéticas, revelar um sentido próprio do universo. A inquietação subjetiva, o ligamento da emoção com a idéia, a dramatização dos problemas de sua consciência, são as principais características de sua personalidade poética. Daí surgiram os seus incomparáveis versos. Versos que fizeram o grande

Miguel de Unamuno proclamar: “Na Espanha não temos nada que se pareça... Há sonetos seus que viverão enquanto viva a memória das gentes, porque haverão de ser traduzidos mais tarde ou mais cedo, em tôdas as línguas de homens atormentados pela miragem da Esfinge”. O entusiasmo humanitário, a defesa da justiça e dos humildes, tudo o que revelava a sua condição de lutador social já estava nas *Odes Modernas*. Em seu ensaio *A Dignidade das Letras e as Literaturas Oficiais*, fala da liberdade de espírito. Diz êle: “Sem espírito não há liberdade: sem liberdade não há espírito”. Nas páginas seguintes volta mais detalhadamente ao tema: “Mas essas opressões do espírito, ainda que nos dessem, como falsa compensação, casas, riquezas, servos, luxo e brilho, deixavam-nos tão escravos e miseráveis como dantes, sem liberdade interior, sem capacidade para pensar, julgar por nós mesmos, moralmente paralíticos. Quem, ainda no meio das maiores grandezas, não pode senão amar, admirar cousas pequenas, que é senão mesquinho e pequeno? Quem, ainda no país mais livre, obedecer sem reflexão ao aceno de alguém, o que é senão escravo? Os tiranos da matéria deixam-nos pobres e desabrigados: êstes do espírito fazem-nos baixos e estúpidos — qual é preferível? E não me digam que uso de grandes palavras numa pequena questão; que invoco os maiores santos numa ocasião de tão pouco perigo. Tanto se sofre duma pedrada atirando-se-nos com um seixo como uma pedra preciosa. Que importa que a violência que se faz à alma seja dum ou doutro modo, numa grande ou numa pequena cousa? Tôdas as liberdades são solidárias: e o que as faz boas e estimáveis não é o darem-se num caso e não noutro, mas no fato mesmo da liberdade. Também são solidárias tôdas as opressões; e o que as faz péssimas e detestáveis não é virem duma ou outra mão, pesarem num lado ou no outro, mas somente o fato da tirania. Não há pequenas opressões, pequenas injustiças, pequenas misérias. Há só misérias, injustiças e opressões”.

Falando da influência de Antero de Quental em sua geração, escreve o Professor Fidelino de Figueirêdo: “Não se gastou ainda o seu magnetismo. Quando a propaganda política abastardou em demagogia o seu testamento de idéias e juízos, não descremos dêle, nós, seus filhos e netos em espírito — tão orgulhosos dessa ascendência como êle da dos bravos de D. Pedro

IV — nós, os que nos detivemos na vertiginosa descida da reação humorada. Voltamos a êle diretamente, sem intermediários. Essa a origem da renovação dos estudos antereanos em Portugal, da atualidade de sua vida e da sua obra. Hoje não vemos nele só o poeta e o pensador, vemos um paradigma de vida altamente vivida, com incontentável sêde metafísica, um homem que em si sofria as dores do mundo, um homem que se debateu com as ligações da razão humana, e pôs em cada palavra, em cada afeto e em cada ato uma infinita aspiração alada. Pode haver atualidade maior nestes dias negros?" Ainda da herança cultural legada por Antero, desejamos transcrever as comovidas e compreensivas palavras do Professor Hernani Cidade: "Atendemos nêsses versos e nessas páginas, porque são do que de mais nobre e mais belo tem produzido a nossa raça. Neles abre a sua dolorosa experiência outra dimensão na vida, outras perspectivas à meditação, complementares das de seus pares. Enquanto êstes, olhando em extensão, detinham olhos críticos e ensaiavam ação reformadora sôbre o mundo do Imanente, era para as alturas do Transcendente e para as profundidades da alma em que êste se remove a velha angústia porque denuncia sua permanência, que Antero dirigia seu pensamento, de lá que lhe vinha a sua trágica inquietação. E quem não sente que é êste nôvo anseio que se transmite à mais profunda e alta poesia do nosso tempo — ao que de melhor na poesia de Pessoa, Régio ou Torga?"

A república portuguesa tem as suas raízes na chamada geração de 70. O movimento republicano surgiu atizado pelo combate dos escritores à monarquia, fruto da campanha de descrédito movida ao antigo regime. E é bem possível, ainda, que êsses mesmos escritores tenham sido responsáveis, se bem que de maneira não tão direta, pelo atual govêrno português, ao deixar o povo desiludido, descrente de administradores, parlamentares e sistemas de govêrno, anestesiado pelo constante combate às instituições e aos seus dirigentes, acostumado a rir dos seus representantes, humilhado diante de outros povos da Europa por constantes comparações. Tudo isso pode ter ocasionado que, anos depois, êle aceitasse uma forma de administração que lhe restringisse a liberdade, trocasse a liberdade pela

disciplina, por não mais pretender ouvir gargalhadas que ferissem o brio nacional. Gargalhadas destroem govêrnos mas não fortalecem nem constroem a liberdade. O próprio Eça de Queiroz, antes de morrer, já tinha se transformado num conservador, valorizando a tradição portuguesa, enaltecendo os seus valores rurais e a Igreja Católica, através de perfis biográficos dos seus santos mais representativos. Merece a atenção dos estudiosos, e alguns historiadores literários já fizeram referências, a possível influência das idéias dos participantes da chamada *Questão Coimbrã* na célebre geração espanhola de 89. Inegável foi a sua larga e profunda projeção no Brasil. Marcas da poesia de Antero de Quental, dos estudos folclóricos de Teófilo Braga, do romance realista, da crítica social de Ramalho e Eça de Queiroz estão presentes na atual cultura brasileira.

Em notáveis ensaios, o sempre lúcido Antônio Sérgio, crítico literário e de idéias, analisa o Socialismo de Antero de Quental. Distingue-o do de Marx, estreita-o ao de Proudhon, no sentido de progresso se identificar com moral. Fala, com muito acêrto, citando cartas e trechos de artigos, das condições *concretas* de liberdade desejadas por Antero, diferenciadas do pensamento de liberdade *abstracta* dos jacobinos, do seu esforço para dar a Portugal uma democratização real e positiva, elevando o nível intelectual e econômico do povo. Num dêsses ensaios, Antônio Sérgio lança uma pergunta: "Como é que um espírito como o de "Santo Antero" poderia conceber a organização socialista"? Êle próprio responde: "Se acaso o percebo, — como um simples instrumento que facilitasse aos homens o voo supremo para a conversão em Deus".